

O papel de citações bíblicas na legitimação da violência simbólica contra as mulheres

*The Role of Biblical Quotations in Legitimizing Symbolic
Violence Against Women*

Juliana Gouveia Carlos¹
Márcia Clébia Araújo Damasceno²

Resumo: O renomado sociólogo francês Pierre Bourdieu ao abordar o conceito de Violência Simbólica, rememora os mecanismos (históricos, sociais e culturais) estruturantes responsáveis pela convenção das divisões entre as classes sociais, principalmente, no que concerne a legitimação e reprodução da cultura dominante decorrente da desmobilização das classes dominadas, no estudo em questão, o sexo feminino. Conforme o afirmado, realizar-se-á uma abordagem conceitual da Violência Simbólica contra as mulheres e a maneira como ocorre a sua legitimação através das leituras de citações bíblicas que foram reconhecidas historicamente, contribuindo para a opressão e a eternização da subordinação da mulher na

Artigo recebido em: 23 fev. 2018
Aprovado em: 24 mai. 2018

¹Licenciada em Letras, Especialista em Língua Portuguesa, em Libras e Mestranda em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória-ES. E-mail: julianaibc@hotmail.com

² Licenciada em Ciências Sociais, Especialista em Língua Portuguesa, Libras, Educação Especial e Docência do Ensino superior, Mestranda em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória-ES. E-mail: klebiaaraujo@hotmail.com

sociedade. As igrejas, como sistema simbólico, são tidas como campo de circulação e de reprodução das ideologias dominantes, realizando-o quase que automaticamente.

Palavras-chave: Violência simbólica; Dominação masculina; Citações bíblicas; Sexo feminino

Abstract: The renowned French sociologist Pierre Bourdieu, referring to the concept of Symbolic Violence, recalls the structuring mechanisms (historical, social and cultural) responsible for the convention of divisions between social classes, especially as regards the legitimacy and reproduction of the dominant culture due to demobilization of the dominated classes, in the study in question, the female sex. As stated, a conceptual approach to Symbolic Violence against women and the way in which they legitimize them will be carried out through the reading of biblical quotations that have been historically recognized, contributing to the oppression and eternalization of the subordination of women in society. The churches, as a symbolic system, are seen as the field of circulation and reproduction of the dominant ideologies, realizing it almost automatically.

Keywords: Symbolic violence, Male domination, Biblical quotes, Female sex.

Introdução

Historicamente, a Bíblia é consentida como autoridade, nela estão presentes textos, cujos discursos são encarados como matrizes reais da prática. Fatos ocorridos em um determinado contexto histórico perduram, determinando a condição e a distinção entre as classes: dominantes e dominados, no artigo em questão, tem-se a mulher, como ser dominado, submisso, subserviente ao dominante: o homem.

Essa dominação acontece de forma transformada, irreconhecível, transfigurada e legitimada pelos agentes. Como referencia metodológico, serão utilizados os conceitos de violência simbólica, de poder simbólico, de campo, *habitus*, corpo do sociólogo Pierre Bourdieu, cujas pesquisas, embora realizadas em uma sociedade específica: os Cabilas servem de referência para compreensão do princípio discursivo dominante da realidade em questão.

A autoridade atribuída à Bíblia, por ser considerada a Palavra de Deus, oferece subsídios para a perpetuação simbólica da posição da mulher, como indivíduo dominado na sociedade. Além de violência física, a mulher sofre um outro tipo de violência, aquela velada, invisível, perpetuada historicamente, sem a ciência ou o não querer ser ciente por parte classe dominada.

No presente artigo, tratar-se-á de textos bíblicos e interpretações dadas ao longo do tempo que constituíram uma

ideologia religiosa baseada na dominação masculina, tendo como consequência a subalternização das mulheres. As citações bíblicas apresentam as mulheres como sujeitos incompletos, como indivíduos subordinados, enquanto propriedade dos seus maridos ou pais.

É válido ressaltar, que esse tipo de violência sofrido pela mulher, há séculos atrás e eternizado na sociedade, ainda que lutas sejam travadas, movimentos estruturados, ainda há, no inconsciente feminino as raízes da subordinação, principalmente nas mulheres que pertencem a alguma instituição religiosa. Cujos princípios encontrados nas escrituras devem ser, inquestionavelmente, cumpridos.

1. Dominação masculina: entendendo o conceito

Na sociedade, como se faz conhecido, existem vários tipos de violência contra tipos vulneráveis de indivíduos: física, psicológica, verbal, sexual, moral, econômica ações explícitas de coerção direcionadas ao ser humano. No entanto, existe um tipo de violência velada, inconsciente, sutil, capaz de abrir precedente para a aceitação das demais, denominada pelo filósofo Pierre Bourdieu de Violência Simbólica.

Violência suave que ocorre onde se apresentam encobertas as relações de poder que regem os agentes e a ordem da sociedade global. Nesse sentido, o reconhecimento da legitimidade dos valores produzidos e administrados pela classe dominante implica o ‘desconhecimento’ social do espaço, onde se trava, simbolicamente, a luta de classes.³

Esse mecanismo presente em todas as estruturas sociais, justamente por existir a permanente relação hierárquica entre as classes: dominantes e dominados, era determinante para convenção de premissas norteadoras concernentes a crenças, a ordenamentos, a direcionamentos pré-estabelecidos pela classe dominante.

O filósofo, além de considerar a ação inconsciente de submissão por parte do subordinado, ainda discorre em suas obras sobre a reprodução da violência legitimada pela sociedade ao longo da história. Ao explicitar esse fato, o autor ressalta que esse processo

³ BOURDIEU, P. *Poder simbólico*. 14^a Ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil LTDA, 2010, p.15.

de reprodução da violência simbólica não tem ação coercitiva, pelo contrário, fora imbricado e consentido pelo grupo social, tanto dominante quanto dominado agem inconscientemente. A sua eficácia está justamente na não consciência da ação.

Para que a dominação simbólica funcione, é necessário que os dominados tenham incorporado as estruturas segundo as quais os dominantes os apreendem; que a submissão não seja um ato de consciência susceptível de ser compreendido na lógica do conhecimento.⁴

Segundo o autor, toda imposição de significações como legítimas pela classe dominante constitutiva da relação social é um ato de poder simbólico na relação de forças entre os grupos. Esse poder imperceptível, somente poderá ser estabelecido entres os sujeitos, a partir da cumplicidade entre os subordinantes e os subordinados, entre aqueles que não se atentam para o fato de sofrerem ou exercerem o poder simbólico.⁵

A abordagem realizada por Bourdieu concernente ao reconhecimento da violência simbólica entre as classes partiu da observação de uma sociedade histórica, um tanto exótica quanto íntima, estranha e ao mesmo tempo familiar como a afirma o sociólogo: berberes da Cabília, uma comunidade argelina que mantém as tradições mediterrâneas em funcionamento. A sociedade Cabila é organizada de cima para baixo sob uma visão androcêntrica, na qual o sexo masculino é o paradigma.

A divisão das atividades no universo dessa comunidade sujeita-se à oposição entre o masculino e o feminino, está imerso em sistema de antônimos similares: alto/baixo, fora (público)/ dentro (privado), direita/esquerda, duro/mole, associando-se à sexualidade e às determinações antropológicas e cosmológicas.⁶

A legitimação da violência simbólica na sociedade advém do que outrora fora estabelecido, inconscientemente, pelo grupo social entre os sexos, como natural e evidente, sendo assim, reconhecida e em concordância entre as estruturas cognitivas e as estruturas sociais.⁷

⁴ BOURDIEU, P. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk, 2002, p.231.

⁵ BOURDIEU, 2010, p.15.

⁶ BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 4^a ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2017, p. 22

⁷ BOURDIEU, 2017, p. 20.

Embora, o estudo tenha sido realizado em uma comunidade específica, aspectos predominantes nessa sociedade são comumente encontrados em várias estruturas sociais. Os seus preceitos são tão bem fundamentados e consistentes que podem ser utilizados em inúmeras realidades. Os conceitos desenvolvidos ao longo da sua trajetória, enquanto pesquisador de um grupo social específico, podem ser aplicados as demais estruturas sociais.⁸

Diversas culturas evidenciam que, apesar das mulheres passarem pelas tensões da dominação masculina, ainda reproduzem o discurso, as regras de um poder que se propagou como algo intrínseco ao homem, o qual também é produto da mesma dominação, uma vez que sobre o sujeito dominante é exercido também esse tipo de violência simbólica.

A divisão entre os sexos é concebida de forma natural, normal, e está presente na ordem das coisas, sem precisar de explicação, ou seja, a força da ordem de dominação masculina o exime da necessidade de tentar justificar-se. Em todas as instâncias, observa-se a relação de hierarquia, ideologicamente, reconhecida e incorporada, holisticamente, no mundo social.⁹

Após a realização da pesquisa e da observação, conceitos como: *habitus*, *campo* e *corpo* foram desenvolvidos por Bourdieu e permanecem vigentes, associáveis e aplicáveis às sociedades distintas. *Habitus* é aqui compreendido como um sistema de disposição aberto, durável e transponível, o qual funciona como matriz de percepção entre as ações individuais e as práticas sociais.

Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência que produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente “reguladas” e “regulares” sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso,

⁸JANOWSKI, D. *A teoria de Pierre Bourdieu: Habitus, campo social e capital cultural*. VIII Jornadas de Sociología de la UNLP, 3 al 5 de diciembre de 2014, Ensenada, Argentina. EnMemoria Académica. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.4639/ev.4639.pdf. Acesso em 10 de fev. 2017.

⁹ BOURDIEU, 2017, p. 22.

coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro.¹⁰

Conjunto das relações sociais que foram construídas ao longo da história e reproduzidas na trajetória dos sujeitos. Quando a estrutura de classes é definida pelas diferenças entre os *habitus*, dentro do sistema de posições e, certamente, oposições simbólicas, a prática dos agentes das classes antagônicas é determinada, conseqüentemente, as ações dos sujeitos são atualizadas nas distintas práticas em cada um dos subsistemas.

Entre dominantes e dominados existem espaços integrados por sujeitos quemantem ou almejam posições de dominação, é o lugar de lutas, de tensões, de disputas por controle e legitimação, de poder, a esse o sociólogo denomina: *campo*, de acordo com Bourdieu, *todo campo é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças*. No campo também, são estabelecidas relações perpetuadas pelos agentes.¹¹

No tocante ao conceito de *corpo*, a sociedade o constrói sob dois vieses: relação sexuada e depositário de valores da visão e da divisão entre os sexos, o *corpo* evidencia a reprodução da estrutura das relações de classes. Conforme Bourdieu, *o próprio ato sexual é pensado em função do princípio do primado masculino*. No âmbito da descrição das posições: em cima ou embaixo, passivo ou ativo, o ato sexual é concebido como uma relação de dominação.¹²

O mundo social funciona como instrumento simbólico que legitima a dominação masculina através das distribuições das atividades, das atribuições de cada um dos sexos, do local destinado a cada um; aos homens, eram designados os espaços públicos, enquanto às mulheres, os espaços domésticos, conservando, assim, a cultura herdada do passado.¹³

É nesse campo, que de forma invisível, o poder simbólico encontra-se, sutil, determinante. A sua presença está, onde o mesmo menos se deixa ver, onde é mais ignorado, esperado e pouco reconhecido. O poder simbólico é natural, e só pode ser concebido com a coparticipação dos agentes, daqueles que não querem ter

¹⁰BOURDIEU, P. *O senso prático*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p.87.

¹¹BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004, p. 22-23.

¹²BOURDIEU, 2017, p. 35.

¹³BOURDIEU, 2017, p. 24-33.

ciência do assujeitamento ou mesmo da execução, tendo em vista que aqueles que exercem a violência simbólica, também sofrem.¹⁴

Para legitimação da ordem social, faz-se necessário a integração holística e fictícia da sociedade através do que fora, outrora, estabelecido pelas distinções de classes, ou seja, da hierarquia. Essa ideologia é produto da cultura dominante, existe quem une, quem separa, quem manda e quem obedece, concepções construídas historicamente e reproduzidas socialmente, que tendem a reforçar a crença da legitimidade da dominação de uma classe, no caso em questão, da dominação masculina.

1. Dominação masculina: construção da identidade feminina

Concernente a construção da identidade feminina, dois processos devem ser considerados: a biologia e o essencialismo cultural. Segundo Bourdieu, o aspecto biológico é construído pelo mundo social, associado aos princípios de uma visão mítica do mundo, a qual, enraíza-se na subordinação das mulheres em relação ao homem naturalizado, legitimado emantido pela sociedade.¹⁵

Em consonância a Bourdieu, Bordo coloca que a dominação feminina expressa-se no corpo, na linguagem corporal, do ser frágil, delicado rendido ao poder masculino:

Uma poderosa forma simbólica, uma superfície na qual as formas centrais, as hierarquias e até os comprometimentos metafísicos de uma cultura são inscritos e assim reforçados através da linguagem corporal concreta.¹⁶

O discurso essencialista cristão, principalmente, o segmento fundamentalista, embasa-se no fundamento teológico de que a Bíblia deve ser concebida literalmente, *ipsis litteris*. Os relatos contidos no livro sagrado são aplicados como verdades absolutas, inquestionáveis, cujas interpretações divergentes são

¹⁴BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 14^a Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil LTDA, 2010, p.7-8.

¹⁵BOURDIEU, 2017, p. 24.

¹⁶ BORDO, S. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, A. M. E BORDO, S. R. (Orgs.). *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 19.

desconsideradas, tidas como heresias, o objetivo é preservar as bases da fé cristã¹⁷.

Conforme Wanda Deifelt¹⁸, em seu artigo intitulado *Teologia luterana como desafio ao fundamentalismo religioso e à teologia da prosperidade*, ao discorrer sobre fundamentalismo religioso, a infalibilidade da Bíblia não remete apenas às questões de fé e moral, mas também é entendida como um registro construído historicamente e literal.¹⁹

No que se refere à mulher, embora a Palavra de Deus contenha textos que destaquem seus feitos consideráveis, o sexo feminino, dentro da concepção tratada no parágrafo anterior, tem como função inicial ser submissa ao sexo masculino, pois assim diz as escrituras.

A afirmação de que a mulher foi criada para submeter-se ao homem, no livro de Gênesis, capítulo 3, o qual discorre sobre a “queda do homem” e as consequências, tanto para o homem quanto para a mulher, especificamente no versículo 16, a gênese, quanto à dominação exercida pelo sexo masculino em relação ao sexo feminino é originada pelo discurso divino: (...) *E à mulher disse: Multiplicarei sobre modo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará (...)*²⁰, o discurso divino, permeado de dominação e poder, promove, assim, a fixação e estabilização da identidade feminina, na ordem social.

Essa divisão traçada no livro de Gênesis, sobre o que cabe ao homem e à mulher, naturalmente convencionou-se, não apenas nas instituições religiosas, mas na sociedade como um todo, ao reconhecer e reforçar essa segmentação de atividades direcionadas às classes: dominante e dominada, como ordem natural das coisas, para Bourdieu:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica

¹⁷ BOFF, L. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002, p. 25.

¹⁸ Doutora em Teologia pelo Garrett Evangelical Seminary/Northwestern University, Evanston/Illinois (1990), é professora do Luther College, Decorah/Iowa, Estados Unidos da América. Contato: deifwa01@luther.edu.

¹⁹ DEIFELT, W. *Teologia luterana como desafio ao fundamentalismo religioso e à teologia da prosperidade*. <http://dx.doi.org/10.22351/et.v.57i2.3138>. Acesso em 16 de fev. de 2018.

²⁰ Sagrada. *Bíblia de Estudo MacArthur*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

impõe-se como neutra e não tem necessidade de enunciar em discursos que visem legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende ratificar a dominação (...) ²¹

A ordem masculina simplesmente é, não necessita de argumentos que a autentique, diferente da ordem feminina.

Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez, darás à luz filhos foram atribuições concedidas à mulher, como conseqüências do “pecado”, o corpo feminino está, biologicamente, preparado para a germinação, a gestação, para ser depositário da visão e da divisão sexualizante do gênese. A diferença na anatomia dos órgãos sexuais masculinos e femininos justifica, naturalmente, a distinção entre os gêneros.

Quanto Bourdieu concebe a ideia de que o ato sexual é pensado tendo como primazia a dominação masculina acaba ratificando o discurso presente no versículo 16, de Gênesis 3: *O teu desejo será para o teu marido, e ele te governará*, no ato sexual, conforme o autor, a posição considerada normal é aquela em que o homem fica por cima da mulher. Inúmeras civilizações condena a posição amorosa, na qual a mulher se sobrepõe ao homem. ²²

Os variantes presentes no ato sexual em cima/ embaixo, ativo/passivo, quente/frio, homem desejante/mulher desejada, evidenciam, consideravelmente, formas de apropriação, de dominação, de posse, de violência contra a mulher, todavia, percebidos, socialmente, como algo natural. Sobre esses paralelos, essas estruturas de pensamento que aplicam-se universalmente, Bourdieu argumenta que tais:

Registram como que diferenças de natureza, inscritas na objetividade, das variações e dos traços distintivos (por exemplo, em matéria corporal) que eles contribuem para fazer existir, ao mesmo tempo em que as “naturalizam”, inscrevendo-as em um sistema de diferenças todas igualmente naturais em aparência; de modo que as previsões que elas engendram são incessantemente confirmadas pelo curso do mundo (...) ²³

²¹ BOURDIEU, 2017, p. 22.

²² BOURDIEU, 2017, p. 34.

²³ BOURDIEU, 2017, p. 21.

Conforme o ajustamento objetivo dos princípios de visão e de divisão na sociedade, a ordem natural pré-existente vai se consagrando e sendo reconhecida como oficial.

Para o autor supracitado: *O gozo masculino é, por um lado, gozo do gozo feminino, do poder de fazer gozar (...), o orgasmo feminino comprova a virilidade masculina e, é visto como uma forma suprema de submissão. O desejo que deve está presente na mulher é aquele para satisfazer os anseios do homem.*²⁴

Ao longo dos séculos, de igual forma, conforme afirma Silva, em sua obra *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, outros discursos sociais apossaram-se das garantias da natureza ou da essência feminina, visto que, às mulheres foram destinados os papéis de subordinação e aos homens de dominação.²⁵

Para Braidotti, existem aqueles que se fundamentam em discursos sob perspectivas essencialistas, cuja identidade da classe feminina concebe-se como algo que permanece ao longo da história sendo, pois, imutável. Sob esse viés, ter uma identidade significa deter um conjunto de características que são compartilhadas por todos os agentes de um determinado grupo, as quais não se alteram ao longo do tempo²⁶

Conforme afirma Bourdieu, a respeito da violência simbólica sofrida pela mulher, em seu livro *Dominação Masculina*, como aquela que é suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, exercida essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou do desconhecimento, do reconhecimento inconsciente da legitimação²⁷

Essa relação histórico-social extraordinariamente ordinária dispõe também de uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico, dotado de autoridade nas instituições religiosas. O texto bíblico foi conhecido e é, ainda na atualidade, reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado, de uma prioridade distintiva, emblema ou estigma, dos quais o mais eficiente simbolicamente é essa propriedade corporal inteiramente arbitrária.²⁸

Roger Chartier *apud* Soihet ,coloca que:

²⁴ BOURDIEU, 2017, p. 37.

²⁵ SILVA, T. T. *A produção social da identidade e da diferença*. In T.T. Silva (Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 73-102

²⁶ Braidotti, R. *Diferença, diversidade e subjetividade nômade*. (R. Barbosa, Trad.). Labrys, Estudos feministas. www.unb.br/ih/his/gefem. Acesso em 10 de fev. de 2018.

²⁷ BOURDIEU, 2017, p. 12.

²⁸ BOURDIEU, 2010, p. 15.

[...] retomando a tese de Bourdieu, afirma que a construção da identidade feminina teria se pautado na interiorização pelas mulheres das normas enunciadas pelos discursos masculinos; o que corresponderia a uma violência simbólica que supõe a adesão dos dominados às categorias que embasam sua dominação. Assim, definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação – que é uma relação histórica, cultural e linguisticamente construída – é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irredutível, universal(...) ²⁹

A violência simbólica contra o sexo feminino é legitimada pelo sexo em questão, o ser dominado, por meio do discurso dominante, embasa a sua dominação. A esse concepção, a qual, Geertz denomina cultura, justamente por ser traduzida como: *um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens [e mulheres] comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.*

2. Dominação masculina: manutenção e reprodução da ordem natural

Considerando a tese de Bourdieu ao afirmar que a construção da identidade feminina pautou-se na interiorização, pelas mulheres, das normas enunciadas pelos discursos masculinos³⁰. Os textos da escritura sagrada sobre o papel da mulher na sociedade foram proferidos por representantes do sexo masculino, por sua vez, o sexo feminino, como ser histórico, reproduz evidências, outrora, construídas historicamente.

A religião cristã assume um papel fundamental no que concerne a legitimação e a reprodução da estrutura social, com a exortação à prática continuada de submissão e obediência da mulher ao homem, à aceitação da ideologia da renúncia e do sacrifício ainda que sutilmente, são impostos pelas autoridades religiosas.

O discurso presente nas igrejas acerca do lugar ocupado por mulheres e homens contribui fortemente para a permanência da

²⁹SOIHET, R. *Mulheres investindo contra o feminismo: resguardando privilégios ou manifestação de violência simbólica?* In: Estudos de Sociologia, Araraquara, v.13, n.24, 2008, p. 198.

³⁰ BURDIEU, 2017, p.43.

dominação masculina, visto que o modelo predominante de família ainda é o patriarcal, a relação predominante é a heterossexual, a chefia pertence ao sexo masculino, a submissão dos filhos e da mulher ao pai e ao marido é o primado, esta configuração sustenta-se nos valores procedentes do que escrito nos textos bíblicos.³¹

O discurso advindo das igrejas de que existe uma vontade superior, determinante: a “vontade de Deus” é utilizado para justificar e legitimar determinadas práticas e atitudes, contribuindo assim, para manutenção da ordem natural das coisas: de que as mulheres ao serem submetidas à agressões físicas, emocionais e simbólicas, devem manter-se subservientes e “orar”, “buscar orientação divina”, “entender que essa é a vontade de Deus”, essa naturalização da violência, faz com a mesma seja, naturalmente, reproduzida.

A violência simbólica trazida por algumas citações bíblicas é invisível, natural, sutil. As suas marcas não são físicas. A hermenêutica não conseguiu aboli-la do meio cristão. Os textos dispostos nos livros de Efésios 5.22, Colossenses 3.18 e 1 Pedro 3.1, consecutivamente: *Mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; Esposas, sede submissas ao próprio marido, como convém no Senhor; Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vosso próprio marido*, possuem um termo em comum, o qual, ainda ecoa forte e imperativamente nas instituições religiosas: submissão.³²

As mulheres sujeitam-se aos maridos, por interpretarem os textos supracitados como ordem divina, cuja obediência é necessária para manutenção da paz no lar e até mesmo a preservação da sua comunhão com Deus. A expressão “submissão”, ainda que interpretada por alguns teóricos cristãos como “*reconhecimento da liderança do sexo masculino*” e não como “*mante-se inferior ao sexo masculino*”³³, mantém a mesma forma de pensar estabelecida pelo discurso de subordinação, na qual os homens eram, por vontade de Deus, os seres dominantes, cuja liderança deve ser reconhecida pelo sexo feminino e as mulheres, os seres obedientes ao homem.

Segundo o dicionário, o vocábulo submissão é: ato ou efeito de submeter-se, disposição a obedecer, sujeição, humilhação voluntária³⁴, definições objetivas que não abrem margem para outra

³¹ CITELI, M. T. NUNES, Maria José F. Rosado. *Violência simbólica: a outra face das religiões*. 14^o caderno- Católicos pelo direito de decidir. P. 6.

³² BÍBLIA, 2010.

³³ Disponível em: <https://www.respostas.com.br/mulher-submissa/>. Acesso em: 18 de fev. de 2018.

³⁴ PASQUALE. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Barueri, São Paulo: Gold Editora, 2009.

interpretação, a não ser a posição de subserviência ocupada pela mulher em relação ao homem.

Cunha coloca que na hierarquia divina, as mulheres devem ser submissas ao Senhor (Deus); em segundo lugar, submeter-se ao marido, quer a mulher queira quer não, pois assim, ordena a Palavra de Deus que ela seja submissa, esse recurso discursivo tanto reafirma a dominação masculina quanto a legitima a submissão feminina.³⁵

Por mais que essa configuração social venha passando por transformações, que a mulher tenha encontrado espaço no mercado de trabalho, bem como tem desempenhado funções nas instituições religiosas, a concepção de subordinação ainda é preservada, sutilmente conservada, não explicitamente como em algumas denominações fundamentalistas, mas presentes nos discursos religiosos. As marcas de uma sociedade patriarcal ainda repercutem fortemente e são produzidas pela esfera religiosa. Segundo Beauvoir:

(...) os dois sexos nunca partilham o mundo em condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado 'handicap'. Em quase nenhum país o seu estatuto legal é idêntico ao do homem e, muitas vezes, este último a prejudica consideravelmente. Mesmo quando os direitos lhes são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontre nos costumes sua expressão concreta³⁶.

A inculcação cultural e o doutrinamento ideológico que são transmitidos e conservados nas instituições religiosas contribuem para a eternização, naturalização e perpetuação dessa relação de poder entre o ser dominante (homem) e o ser dominado (mulher). A igreja funciona como campo de produtores e reprodutores especializados de crenças, ideologias legitimadas através das

³⁵ CUNHA, R. R. da. *Megatendências para a Mulher Cristã*. São Gonçalo: Adhonet, 1995, p.43.

³⁶ BEAUVOIR, S. de. *O Segundo sexo – fatos e mitos*; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. <http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf>. Acesso em: 17 de fev. de 2018.

palavras, dos textos bíblicos e daqueles que as pronuncia (figura de autoridade), exercendo sobre os demais, o poder simbólico.³⁷

O poder simbólico tem um poder transformador, irreconhecível, capaz de legitimar relações de força entre classes, de maneira tão natural, que é semelhante a um ‘toque de mágica’, conforme Bourdieu:

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo; poder quase mágico(...)³⁸

O texto bíblico, símbolo de poder, é capaz de produzir efeitos reais sobre aqueles que exercem o poder e os que são dominados. Conforme Bouvay, a religião é um dos instrumentos mais eficientes de legitimação e de reprodução dissonante entre os sexos.³⁹

Conclusão

A condição subordinada da mulher na sociedade é resultante de um discurso patriarcal, conservador proferido, concebido como verdade absoluta e perpassado historicamente.

Reconhece-se que ao longo dos séculos, a condição e posição da mulher na sociedade vêm passando por consideráveis mudanças; os movimentos, as lutas, as conquistas como: o direito ao voto, o ingresso nas instituições escolares, a participação no mercado de trabalho sem necessidade autorização do marido, o reconhecimento e garantia dos direitos individuais, civis e trabalhistas, a participação nas instituições religiosas, entre outros, são visíveis.

Todavia, a subordinação ao sexo masculino permanece presente através do poder simbólico, imperceptível e invisível, que só se torna possível pela cumplicidade da própria mulher, instrumentalizada pela religião. A sociedade continua fortemente marcada pela visão cristã do mundo e por consequência da visão e da divisão histórico-social do papel que o sexo feminino e o sexo feminino desempenham.

³⁷ BOURDIEU, 2010, p.15.

³⁸ BOURDIEU, 2010, p.14.

³⁹ BOUVAY, C. *Religion et reproduction de l'asymétrie*. Archives de Sciences Sociales des Religion. Paris, 1996, p. 143-161.

A experiência religiosa e o discurso divino marcam o comportamento da mulher na sociedade ainda hoje. Esse poder de imposição simbólica só será destruído a partir da tomada de consciência do sexo dominante, o qual, no processo histórico de dominação, sofre violência simbólica igualmente ao sexo feminino, visto que as taxinomias foram historicamente estabelecidas para os dois sexos: masculino e feminino.

Referências

CITELI, M. T. NUNES, Maria José F. Rosado. *Violência simbólica: a outra face das religiões*. 14^o caderno- Católicos pelo direito de decidir.

BETTI, M. U. Pierre *Bourdieu e a dominação masculina*. Laboratório Didático - USP ensina Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BEAUVOIR, S. de. *O Segundo sexo – fatos e mitos*; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. <http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf>. Acesso em: 17 de fev. de 2018.

BOFF, L. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BOLEN, J. S. *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. 7.ed. Trad. Maria Lydia Remédio. São Paulo: Paulus, 2005.

BORDO, S. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, A. M. E BORDO, S. R. (Orgs.). *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 19.

BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004.

_____, P. *O poder simbólico*. 14^a Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil LTDA, 2010.

_____, P. *O senso prático*. 2^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____, P. *A dominação masculina*. 4^a ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2017.

BOUVAY, C. *Religion et reproduction de l'asymétrie*. Archives de Sciences Sociales des Religion. Paris, 1996.

BRAIDOTTI, R. *Diferença, diversidade e subjetividade nômade*. (R. Barbosa, Trad.). Labrys, Estudos feministas. www.unb.br/ih/his/gefem. Acesso em 10 de fev. de 2018.

CUNHA, R. R. da. *Megatendências para a Mulher Cristã*. São Gonçalo: Adhonet, 1995, p.43.

DUARTE, S.; LEMOS, Carolina Teles. *A casa, as mulheres e a Igreja: relação de gênero e religião no contexto familiar*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

GARTON, S. *História da sexualidade: da Antiguidade à revolução sexual*. Trad. Mário Félix. Lisboa: Editorial Estampa, 2009.

JANOWSKI, D. *A teoria de Pierre Bourdieu: Habitus, campo social e capital cultural*. VIII Jornadas de Sociología de la UNLP, 3 al 5 de diciembre de 2014, Ensenada, Argentina. En Memoria Académica. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.4639/ev.4639.pdf. Acesso em 10 de fev. 2018.

JARSCHE, H. e NANJARI, C. C. *Religião e violência simbólica contra as mulheres*. Florianópolis, 2008. Disponível em: Acesso em: 17 de fev. de 2018.

SARDENBERG, C. M. B. *A violência simbólica de gênero e a lei "antibaixaria" na Bahia*. OBSERVE: NEIM/UFBA, 2011.

_____.; MACEDO M. S. *Relações de gênero: uma breve introdução ao tema*. In: Costa, A. A. A.; Rodrigues, A. T.; Vanin, I. M (orgs.). *Ensino e gênero: perspectivas transversais*. Salvador: NEIM/UFBA, 2011. p.33-48.

SILVA, T. T. (2000). *A produção social da identidade e da diferença*. In T.T. Silva(Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro:Vozes.

SOIHET, R. *Mulheres investindo contra o feminismo: resguardando privilégios ou manifestação de violência simbólica?* In: *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.13, n.24, 2008.

PASQUALE. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Barueri, São Paulo: Gold Editora, 2009.